

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

**DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE QUÍMICA
LICENCIATURA EM QUÍMICA**

PAULA FERNANDA ARMELIM

**FOLDER INFORMATIVO PARA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INCLUSIVAS: UMA FERRAMENTA DIDÁTICA SOBRE ALUNOS
SURDOS E COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2

LONDRINA

2019

PAULA FERNANDA ARMELIM

**FOLDER INFORMATIVO PARA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INCLUSIVAS: UMA FERRAMENTA DIDÁTICA SOBRE ALUNOS
SURDOS E COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso 2 de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 2 de Licenciatura em Química da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Química.

Orientadora: Profa. Dra. Alcioni Galdino
Vieira
Coorientadora: Profa. Ms. Marcella
Cristyanne Comar Greszczyszyn

LONDRINA

2019



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Londrina
Departamento Acadêmico de Química
Coordenação de Licenciatura em Química



TERMO DE APROVAÇÃO

PAULA FERNANDA ARMELIM

FOLDER INFORMATIVO PARA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: UMA FERRAMENTA DIDÁTICA SOBRE ALUNOS SURDOS E COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado no dia 02 de julho de 2019 como requisito para obtenção do título de Licenciada em Química da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Londrina. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Profa. Ms. Jacqueline Lidiane de Souza Prais
UEL- Universidade Estadual de Londrina

Profa. Ms. Thalita Gabriela Comar Charallo
UEL - Universidade Estadual de Londrina

Profa. Coorientadora Ms. Marcella C. Comar Greszcyszczn
UEL - Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Alcioni Galdino Vieira
UTFPR – Departamento Acadêmico de Ciências Humanas

ARMELIM, Paula Fernanda. **Folder informativo para práticas pedagógicas inclusivas**: Uma ferramenta didática sobre alunos surdos e com deficiência auditiva. 2019. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso 2 (Curso de Licenciatura em Química). Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR. Londrina, Paraná.

RESUMO

No Brasil, a educação inclusiva tem sido um desafio para a comunidade escolar, principalmente para os professores em sala de aula, pois estes ainda carecem de entendimentos teóricos e pedagógicos para a difusão do conhecimento, a fim de proporcionar a todos os alunos realmente as mesmas oportunidades. Dado o exposto, o objetivo deste trabalho foi identificar as necessidades formativas de professores do Ensino Médio na educação regular. Com a aplicação de um questionário dissertativo a respeito da educação inclusiva e a partir das respostas dos participantes da pesquisa, realizou-se uma análise para identificar as principais vivências citadas, e a maioria das respostas indicou que eles possuem maior experiência com a inclusão de alunos Surdos e Deficientes Auditivos. Posteriormente houve o desenvolvimento do material informativo em formato de folder como auxílio ao professor na prática inclusiva frente ao atendimento desse público-alvo. O folder foi entregue aos participantes, os quais tiveram uma semana para fazer sua leitura e, por fim, foi aplicado outro questionário dissertativo para verificar se o material desenvolvido contribuiu para suprir as necessidades formativas dos professores participantes e os resultados obtidos mostram que o folder foi percebido como tendo uma linguagem simples, clara e objetiva e que os participantes gostaram do material, além de considerarem o assunto importante e necessário.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Formação continuada. Material de apoio. Surdos. Deficientes Auditivos.

ARMELIM, Paula Fernanda. **Information folder for inclusive pedagogical practices**: A didactic tool on deaf and hearing impaired students. 2019. 58f. Course Completion Work 2 (Degree in Chemistry). Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR. Londrina, Paraná.

ABSTRACT

In Brazil, inclusive education has been a challenge for the school community, especially for teachers in the classroom, as they still lack theoretical and pedagogical understandings for the dissemination of knowledge, in order to provide all students with the same opportunities. Given the above, the objective of this work was to identify the training needs of high school teachers in regular education. With the application of a dissertation questionnaire regarding inclusive education and based on the answers of the research participants, an analysis was carried out to identify the main experiences mentioned, and most of the answers indicated that they have a greater experience in the inclusion of Deaf students and hearing impaired. Subsequently there was the development of the information material in folder format as an aid to the teacher in the inclusive practice regarding the attendance of this target audience. The folder was delivered to the participants, who had one week to do their reading and finally, another questionnaire was applied to verify if the material developed contributed to meet the training needs of the participating teachers and the results obtained show that the folder was perceived as having a simple, clear and objective language and that the participants liked the material, in addition to considering the matter important and necessary.

Keywords: Inclusive education. Continuing education. Support material. Deaf people. Hearing Impaired.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Apresentam as 3º etapas a serem desenvolvidas na pesquisa.....	24
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tempo de atuação no ensino regular dos Professores participantes da Pesquisa.....	25
Gráfico 2 - Professores efetivos e PSS.....	26
Gráfico 3 - Atuação em escola Pública e Privada.....	26
Gráfico 4 - Diagnóstico baseado em situações vivenciadas pelos professores.....	27
Gráfico 5 - Formação obtida durante a atuação no ensino regular.....	28
Gráfico 6 - Grau de investimento em suporte didático e pedagógico do colégio em que o docente trabalha.....	29

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Material de apoio ao professor – parte da frente.....	30
Figura 2- Material de apoio ao professor – parte de trás.....	30

SIGLAS

AEE: Atendimento Educacional Especializado

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PAEE: Público- Alvo da Educação Especial

PCD: Pessoa com Deficiência

PSS: Processo Seletivo Simplificado

TEA: Transtorno do Espectro Autista

TGD: Transtorno Global do Desenvolvimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVOS.....	13
2.1 OBJETIVO GERAL.....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
3 JUSTIFICATIVA.....	14
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
4.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	16
4.2 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE QUÍMICA E O PAPEL DA ESCOLA	17
4.3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ALUNOS DEFICIENTES AUDITIVOS E SURDOS...19	
5 PARTE EXPERIMENTAL.....	23
5.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	24
5.2 COLETAS DE DADOS.....	24
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
8 REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE 1- QUESTIONÁRIO DISSERTATIVO 1.....	41
APÊNDICE 2- QUESTIONÁRIO DISSERTATIVO 2.....	42
ANEXO 1 – RESPOSTAS DO APÊNDICE 1.....	43
ANEXO 2 – RESPOSTAS DO APÊNDICE 2.....	54

1 INTRODUÇÃO

A educação é o melhor caminho a se seguir, a partir dela se abre um leque de oportunidades que é capaz de transformar toda uma sociedade. Por meio dela nos tornamos cidadãos mais críticos, ampliamos as oportunidades de emprego e a qualidade de vida, por meio de um processo contínuo de formação, ensino e aprendizagem. A educação inclusiva é um movimento de luta pelo direito de todos a educação faz parte desse processo e prever garantir oportunidades a todos.

No cenário contemporâneo, cresce o número de iniciativas de inclusão. Nesse sentido, a Educação Especial representa uma das modalidades de ensino que transcorrem todos os níveis e etapas para a realização de atendimento educacional especializado e disponibilização de recursos e serviços que norteiam o processo de ensino e aprendizagem (BRASIL, 2008).

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2016), os alunos com deficiência – tais como dificuldades de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial, transtornos globais do desenvolvimento que se referem a um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais e altas habilidades e superdotação, isto é, a apresentação de potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano (BRASIL, 2008) –, compõem o PAEE (Público-Alvo da Educação Especial) e possuem o direito de estudar em uma sala de aula comum e receber atendimento educacional especializado (AEE) no outro período em que não estiverem estudando.

Em algumas condições e limitações os professores talvez tenham algumas dificuldades em lidar de acordo com a situação, na maioria das vezes por falta de capacitação sobre especificidade no processo de aprendizagem e conhecimentos das características. Assim, para que a inclusão do aluno PAEE seja de fato efetivada, é preciso compreender as necessidades de aprendizagem teóricas e prática das pessoas com deficiência (PCD), sua história e seu conhecimento sobre o mundo (CARVALHO, 2017).

De acordo com o resultado da implantação da referida política, entre 2007 e 2014, as matrículas desses discentes em escolas regulares teve um grande aumento, subindo de 306.136 para 698.768, ou seja, um aumento de 118% (BRASIL, 2016). Esses resultados relacionam-se principalmente aos investimentos

continuados em formação de educadores, aprimoramento das práticas pedagógicas, estabelecimento de parcerias entre a comunidade escolar e sociedade.

Dessa forma, este trabalho propõe conhecer a realidade vivenciada pelos docentes que atuam no ensino regular no que tange à educação inclusiva, incluindo suas experiências e dificuldades, a partir de um grupo de oito professores atuantes no Ensino Médio nas disciplinas de Química, Física, Matemática, Biologia e Geografia. Para isso, foi realizada a aplicação de um questionário dissertativo com questões abertas, abordando assuntos a respeito de experiência profissional docente, formação inicial e continuada, desafios de como lidar com uma sala de aula com número elevado de alunos de tal forma que se consiga oportunizar um ensino a todos, incluindo os alunos PAEE.

A partir dos dados obtidos com a pesquisa, realizou-se a estruturação e análise dos mesmos, conforme o método de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Constatou-se que a maior parte dos docentes pesquisados fez referência aos desafios enfrentados na inclusão de alunos Surdos e Deficientes Auditivos. Com base nesse dado, houve a confecção de um folder de caráter informativo sobre educação inclusiva referente às necessidades por eles citadas, prevendo a leitura do professor participante da pesquisa, a fim de verificar se o material contribuiu para sua melhor percepção e atuação com alunos inclusivos diante das necessidades indicadas no questionário.

Depois desse momento, os participantes da pesquisa receberam outro questionário dissertativo para verificar de que maneira o material proposto cooperou para a construção do seu conhecimento sobre educação inclusiva.

Assim, esta pesquisa ganha relevância, pois oportuniza pensar e refletir sobre a formação continuada no que diz respeito à prática pedagógica do docente, apontando caminhos de como melhorar o atendimento educacional aos alunos PAEE e promover uma sociedade mais igualitária em que todos possam ter as mesmas oportunidades.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho é apresentar um folder a partir da análise das necessidades formativas de professores do Ensino Médio do ensino regular a respeito da educação inclusiva a fim de avaliar as contribuições para a prática pedagógica do professor.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

I. Identificar as principais necessidades formativas de professores do ensino médio do ensino regular referentes à educação inclusiva.

II. Verificar se os conhecimentos adquiridos na formação inicial foram suficientes para a prática de educação inclusiva.

III. Investigar se é ofertada formação continuada visando conhecimento sobre o assunto.

IV. Constatar se a escola oferece suporte pedagógico e didático para os professores atenderem alunos de inclusão.

V. Apresenta um folder informativo sobre a especificidade que mais for abordada no que diz respeito à educação inclusiva para auxiliar a prática pedagógica do professor do Ensino Médio.

VI. Analisar se o folder contribuiu para as necessidades formativas dos professores do Ensino Médio.

3 JUSTIFICATIVA

Durante a minha formação inicial docente de Química, e principalmente nas observações efetivadas nas disciplinas de estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Química, pude evidenciar que o assunto educação inclusiva carece de muitos quesitos.

Dentre eles, o primordial é investir na formação inicial e continuada do professor, a fim de prepará-lo para trabalhar com alunos PAEE, pois, assim, poderemos de fato propiciar uma verdadeira interação entre o aluno e o meio escolar, e a aprendizagem científica dos conhecimentos.

A educação inclusiva é uma área ampla, lida com vários tipos de situações em relação às necessidades dos alunos. Desse modo, é imprescindível conhecer as situações de professores atuantes não só na área de Química, mas em outras disciplinas também. É necessário reconhecer o que enfrentam em sala de aula, se detêm os saberes de como se deve atuar diante dos desafios encontrados na profissão para, assim, refletir sobre a formação inicial e continuada de professores e como preparar o indivíduo para essa tarefa complexa.

Um dos motivos da escolha do tema foi por considerar instigante a compreensão da capacidade de superação do ser humano. Pois, ao cursar as disciplinas de estágio supervisionado, durante as observações em uma sala de curso técnico em Química, pude ver as dificuldades que os alunos apresentavam em aprender o conteúdo de Química. Na ocasião não havia alunos que precisavam de atendimento educacional especializado, mas notei que possuíam uma dificuldade específica no conteúdo.

Essa experiência de observação da realidade, vivenciada no campo de estágio, me suscitou a pensar que em uma sala de aula existem situações nas quais, além da dificuldade de aprendizagem dos alunos, pode haver discentes, com algum tipo de deficiência, que possuam necessidades educacionais específicas. O que me fez refletir, ainda, sobre como seria, nesse caso, meu procedimento ou o desse professor ao qual observei.

Dado o exposto, ao analisar o currículo de formação inicial de Licenciatura em Química e minha própria formação, pude perceber que apenas as disciplinas de Libras e as de Estágios Supervisionados apresentam contato com a situação descrita. Porém, apenas essas disciplinas não são suficientes para o preparo do

docente no que diz respeito à educação inclusiva, é necessária uma matéria que direcione e explique o que é inclusão, os tipos de deficiências e quais métodos possíveis de se aplicar em sala de aula para capacitar a inclusão desse aluno de maneira a contribuir para seu conhecimento crítico e sua qualidade de vida. Diante desses questionamentos e do exposto acima surgiu esta proposta de pesquisa.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

De acordo com Rodrigues (2017), a educação inclusiva é uma esquematização educacional que constitui na fusão da educação regular com a educação especial, na qual alunos com deficiência, como transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, entre outros, podem ser incluídos no âmbito escolar regular.

A educação inclusiva não significa negar as dificuldades dos alunos, ao contrário, ela reconhece a diversidade para oferecer um ensino que busca satisfazer as necessidades de aprendizagem e é capaz de ampliar a visão de mundo e desenvolver oportunidades de convivência. Um processo que estende a inclusão a todos (ALONSO, 2013).

De acordo com Mantoan (2003), a inclusão é uma oportunidade que temos para reverter à posição da maior parte de nossas escolas, as quais têm alunos com deficiências que são adequados ao ensino ministrado pelo colégio, que busca estimar o que o aluno aprendeu, mas raramente se preocupa em averiguar como a escola ensinou. Para o autor, é preciso cuidar para que os alunos não sejam penalizados por meio de repetência, evasão, discriminação, exclusão.

Em relação à educação inclusiva, no Brasil é expressivo o aumento das matrículas dos alunos PAEE (Público-Alvo da Educação Especial) com deficiência, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) e altas habilidades/superdotação. A atual realidade traz para a escola o grande desafio de proporcionar serviços voltados à educação inclusiva em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino (UNESCO, 2016).

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994), é atribuída à escola a mais alta preferência política ao aperfeiçoamento dos princípios educacionais no sentido da mais ampla inclusão, independente das dificuldades individuais. Cabe às escolas regulares construir elementos para que não haja discriminação, de modo a construir uma sociedade inclusiva, com educação para todos.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases, Lei 9394/96:

Art. 59 - Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação [...] I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados. (BRASIL, 1996)

Conforme previsto na LDB de 1996, para que os alunos não tenham o seu aprendizado prejudicado é preciso que se tenha estrutura física, recursos didáticos, procedência pedagógica e qualificação dos educadores na instituição que vai acolher esses alunos. O intuito é que a escola atue na promoção de uma sociedade igualitária que valorize as diversidades e as diferenças.

Assim, a educação inclusiva, além de ser um direito de todos, constitui-se como solução para transformar a sociedade em um ambiente mais igualitário, onde todos têm os mesmos direitos, tanto alunos, como pais e professores, e se mostra muito eficaz para o alcance desse contexto (RODRIGUES, 2006).

Porém, no momento atual ela se torna distante da realidade educacional brasileira, tendo em vista os aspectos que dificultam a formação de professores para atuarem a partir de uma abordagem focada nas especificidades do processo de ensino e aprendizagem do aluno PAEE. Além disso, não existe uma estrutura física adequada dos colégios para esse fim e há superlotações das salas de aula, situações que fazem com que haja uma ruptura entre teoria e realidade (FIGUEIRA, 2015).

4.2 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E O PAPEL DA ESCOLA

A inclusão é um direito e também um dever, algo proposto pela contemporaneidade e que torna necessária a participação ativa do professor, exigindo do mesmo a atualização constante em sua formação para melhorar suas habilidades nas práticas pedagógicas em relação às situações encontradas em sala de aula.

De acordo com Mantoan (2015), para atender a demanda de alunos PAEE são necessários dispositivos legais que norteiem os educadores e que lhes assegurem recursos capazes de suprir às necessidades do educando.

Conforme a Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro 2001: “O atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais deve ser realizado em classes comuns do ensino regular, em qualquer etapa ou modalidade da Educação Básica.” (BRASIL, 2001, p. 2).

Para tanto, é preciso que:

Art. 8º As escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: I - professores das classes comuns e da educação especial capacitados e especializados, respectivamente, para o atendimento às necessidades educacionais dos alunos (BRASIL, 2001, p. 2).

Constata-se que o suporte pedagógico ao professor é previsto por lei, para assegurar que o ensino satisfaça às necessidades de aprendizagem dos alunos. O docente deve buscar alternativas, como cursos e palestras, a fim de obter conhecimento que o habilite a desenvolver atividades em sala de aula nas quais todos os alunos possam participar independente de suas dificuldades. Um contexto em que a totalidade dos estudantes se sinta incluída e aprenda a conviver com as diversidades e diferenças, principalmente respeitando isso.

A escola tem um papel primordial nessa jornada que a educação vem a seguir junto com os professores, pois ela estimula conhecer os aspectos dos alunos, as reais necessidades e é responsável pela elaboração de um apropriado projeto pedagógico que estime a cultura, a história e as experiências de todos (RODRIGUES, 2017).

De acordo com Rodrigues (2006), a instituição de ensino é considerada inclusiva quando garante aos seus estudantes a qualidade no ensino e aprendizado e respeita as diferenças. É, portanto, um lugar em que o aluno deve ter a oportunidade de socializar-se com outras pessoas fora do convívio familiar. O autor defende que a escola deve ser a intermediadora do conhecimento, promovendo a preparação para o mercado de trabalho e o desenvolvimento pessoal.

A educação inclusiva ainda é um desafio à escola, devido à falta de investimento e superlotação e entre tanto outros fatores, que fazem com que a escola tenha dificuldade em exercer seu papel. Porém, isso não pode ser um fator limitante e é necessária uma força tarefa entre coordenação, equipe pedagógica, professores e pais para promover a educação para todos.

4.3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ALUNOS DEFICIENTES AUDITIVOS E SURDOS

De acordo com o decreto DEC 5.626/2005:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. (BRASIL, 2005).

Conforme esse decreto, o vocabulário Surdo é usado para distinguir uma pessoa que tem surdez profunda. É avaliado surdo todo aquele que tem total falta da audição, que não ouve nada. No sentido cultural, indica um grupo de pessoas que pertence a uma Comunidade Surda e que tem seus próprios conjuntos de valores, sua história, sua cultura e que usa a língua de sinais, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para se comunicar. A comunidade de Surdos na maior parte dos casos é formada por pessoas que nasceram surdas ou se tornam surdas antes de aprender a falar ou compreender a fala, que é caso da surdez pré-lingual.

Já a Deficiência Auditiva, como descrito no decreto DEC 5.626/2005, é “a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz” (BRASIL, 2005). O termo é empregado para o indivíduo que tem uma surdez leve ou moderada, comumente pessoas que vão perdendo a audição com o tempo e não utilizam a LIBRAS. Geralmente se comunicam em português, fazendo leitura labial e dependem de outros recursos como as legendas e o uso de próteses auditivas ou implantes cocleares. Elas têm uma identidade maior com o mundo dos ouvintes.

Em 2002 a Língua Brasileira de Sinais LIBRAS foi adotada como a segunda língua oficial do Brasil por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, sendo reconhecida como meio legal de conversação e expressão. A LIBRAS, enquanto um sistema linguístico de natureza visual-motora, com composição gramatical própria, estabelece um sistema linguístico de comunicação de conceitos e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

E para prever os direitos do Surdo e do Deficiente Auditivo o decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, prevê:

A inclusão da LIBRAS como disciplina curricular[...], formação do professor de LIBRAS e do instrutor de LIBRAS[...], uso e da comunicação da LIBRAS e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação[...], formação de tradutor e intérprete de LIBRAS - língua portuguesa[...], a garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva[...], garantia do direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva[...], papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da LIBRAS[...]. (BRASIL, 2015).

Nas últimas décadas, segundo Jesus (2009), a visão sobre educação de surdos mudou na maioria das sociedades. A autora destaca que tem sido ampliada a área de pesquisa nesse âmbito, e como consequência, as instituições de ensino têm adotado a ideologia da educação inclusiva por intermédio da adequação das escolas regulares para o atendimento das necessidades educacionais específicas de todos os alunos com diferentes deficiências.

Em um ambiente inclusivo, conforme explica Smith (2008), o sistema educacional é responsável por incorporar alunos com surdez em escolas regulares e fornecer todos os recursos e apoios necessários para englobar o ensino especializado e o auxílio para que os estudantes alcancem seu potencial máximo. No entanto, a ideia de educação inclusiva parece ser um grande desafio em muitos países, como no caso do Brasil, defende a autora.

Assim, enquanto os alunos surdos ou com deficiência auditiva são cada vez mais inseridos em ambientes das escolas em geral, esse processo de educação inclusiva para alunos surdos é uma tarefa complexa, o que traz muitos desafios para os profissionais e pesquisadores. Nesse terreno, a implementação bem sucedida de programas inclusivos à educação para alunos surdos depende de conhecimento, habilidade e experiência de diretores, professores e pais: suas percepções, suas atitudes e seus julgamentos desempenham um papel na garantia do sucesso das práticas de educação inclusiva nas escolas (VIVEIRO; BEGO, 2015).

Smith (2008) escreve que algumas mudanças de comportamentos no cotidiano podem contribuir para a inclusão de pessoas surdas ou com deficiência auditiva no contexto escolar. Por exemplo, caso se queira dialogar com um aluno surdo que não esteja prestando atenção no interlocutor, basta acenar para ele ou tocar delicadamente em seu braço. Já no caso daquele estudante que faz leitura labial, é necessário falar de frente para o mesmo e tomar cuidado para não cobrir a boca com gestos e objetos, de modo a pronunciar bem as palavras e usar uma

velocidade de fala normal, sem gritar. Caso se conheça algumas palavras em LIBRAS, a autora acredita que seja válido arriscar-se em aplicar os sinais de modo geral, pois as tentativas de promover uma comunicação mais eficaz serão valorizadas pela pessoa surda. A comunicação não verbal, como as expressões faciais, os gestos e os movimentos corporais também ajudam o indivíduo a compreender o que se deseja comunicar. Por fim, a escritora sugere a manutenção contínua do contato visual, pois, caso o interlocutor afaste o olhar, a pessoa surda pode achar que o diálogo finalizou.

Para ensinar o aluno surdo, uma das sugestões descritas por Delgado (2005) é a adoção da mesma proposta curricular do ensino regular, com adequações que permitam o acesso ao conteúdo por meio do uso de sistemas de comunicação alternativos, como a LIBRAS, a gesticulação, o desenho e as expressões corporais. O autor ressalta também a importância da utilização de técnicas, procedimentos e avaliações compatíveis com as necessidades do aluno surdo, sem alterar os objetos da avaliação. Caso haja um intérprete de LIBRAS em sala de aula, é preciso ter em mente que se trata de um tradutor, e não de um professor especialista. Portanto, acrescenta Delgado, cabe ao docente falar de maneira mais pausada para auxiliar a tradução.

Para alunos surdos ou com deficiência auditiva, Jesus (2009) sustenta que é preciso aplicar algumas orientações de apoio para promover a melhor compreensão do conteúdo. Nesse sentido, o ideal seria fornecer um resumo provisório da aula por escrito, conduzindo o aluno no sentido de que ele se localize em relação ao conteúdo exposto oralmente em sala. Outra sugestão é sempre apresentar antecipadamente o tema da próxima aula, para que o estudante possa buscar informações prévias sobre o assunto que será abordado. Deve-se, ainda, falar próximo ao estudante, sem pressa, e olhando para ele, mas cuidando para não exagerar no tom de voz e não ficar de costas durante a exposição oral da matéria. A autora apresenta também um ponto de extrema relevância, que é a utilização de legendas nos vídeos mostrados em sala. Jesus sugere, ainda, que o professor escreva no quadro ou no caderno desse aluno recados e avisos importantes sobre datas e prazos, a fim de garantir seu acesso a todas as informações da mesma forma que os demais alunos. Ressalta-se, por fim, que os estudantes surdos ou com deficiência auditiva devem ser acomodados sempre na primeira fila na sala de aula.

Ao avaliar o aluno, o docente deve considerar as seguintes sugestões: escolher avaliações mais objetivas, também pode optar por realizar avaliações orais com a tradução do intérprete de LIBRAS, ter uma maior flexibilidade do tempo para que o aluno consiga responder a testes, principalmente se o aluno apresentar grandes dificuldades com a interpretação da língua portuguesa escrita, evitar prova surpresa, avaliar consecutivamente, analisando os diagnósticos iniciais e sua evolução durante o processo de ensino e aprendizagem, corrigir a parte escrita pelo estudante de maneira diferenciada, levando em consideração o que está proposto na portaria N.3284/2003 do MEC, isto é, valorizando o conteúdo semântico.

A inclusão de alunos Surdos e Deficientes Auditivos nem sempre é fácil, mas também não é impossível com dedicação dos professores e suporte da equipe pedagógica da escola é possível fornecer ao aluno um ensino de qualidade.

5 PARTE EXPERIMENTAL

De acordo com Gil (2002), os procedimentos técnicos utilizados neste trabalho são classificados como descritivo-exploratórios, pois têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou seja, o estabelecimento de relações entre variáveis, observando também a atuação prática de um grupo.

Para esta pesquisa foi utilizado também um delineamento de levantamento de dados, com interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer, através de um questionário dissertativo no qual procurava-se saber ou conhecer sobre as experiências e vivências em sala de aula e no assunto educação inclusiva com um objetivo final de confeccionar material de apoio aos sujeitos da pesquisa.

A partir da coleta das informações por meio do questionário, esses dados foram estruturados e analisados conforme o método de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Base para uma análise qualitativa das entrevistas, das observações, das questões abertas.

Esta análise busca compreender o significado dos dados coletados e também tem o objetivo de facilitar o entendimento dos conteúdos através de alguma classificação apresentada de forma sistematizada, que pode ser a divisão em categorias ou pela contagem de palavras e termos.

A pesquisa qualitativa é aquela capaz de acionar a questão do significado de atos essenciais, as estruturas sociais, tanto no seu começo quanto nas suas transformações, na construção humana significativa (BARDIN, 1977). Este tipo de abordagem permite conhecer processos sociais ainda pouco vistos, referentes a grupos particulares, proporcionando a criação de novas abordagens, e a criação de novos conceitos para investigação.

Assim, a primeira etapa da pesquisa foi a aplicação do questionário dissertativo, e, a partir dos resultados obtidos, foi elaborado um folder informativo que abordou sobre o que é a deficiência auditiva e a surdez, o que causa e quais são os melhores métodos de ensino para poder auxiliar aluno PAEE. Ressalta-se que a abordagem desse tema se deu em função de a surdez ou deficiência auditiva ter sido a mais citada pelos professores participantes da pesquisa, ou seja, foi um

eixo emergente na pesquisa realizada, e, portanto foi utilizado para as discussões e elaboração do material como proposto.

Em seguida, na segunda etapa, foi entregue esse material (folder) para os sujeitos da pesquisa, estipulando um prazo (no mínimo duas semanas) para realização da leitura.

Finalizada essa parte, já na terceira etapa, foi aplicado um questionário dissertativo ao professor com a finalidade de verificar se o folder desenvolvido contribuiu para o pesquisado conhecer sobre educação inclusiva e se o auxiliou nas necessidades indicadas por eles.

Em síntese, para o desenvolvimento desta pesquisa, o projeto foi dividido em três etapas, a primeira refere-se à aplicação de questionário dissertativo para levantamento de dados dos professores com vistas à elaboração do folder. Na segunda etapa, ocorreu a construção do folder e sua entrega aos professores para leitura. Na terceira etapa foi aplicado um questionário individual para cada professor pesquisado a fim de verificar a contribuição do folder desenvolvido.

Para o questionário foram utilizadas perguntas abertas com questões sem respostas pré-definidas, deixando o professor livre para explicações com suas próprias palavras (ANGELO, 2016).

5.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os oito participantes da pesquisa são professores do Ensino Médio que lecionam as disciplinas de Química, Biologia, Física, Matemática e Geografia do ensino regular, atuantes em escolas públicas de Londrina ou região. Estes pertencem ao quadro efetivo ou são provenientes de Processo Seletivo Simplificado (PSS) da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR). Os nomes apresentados no decorrer desta pesquisa são fictícios para não revelar a identidade dos participantes.

5.2 COLETA DE DADOS

De forma investigativa, a fim de identificar a coleta de dados, o processo ocorreu em três etapas conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Apresentação das três etapas desenvolvidas na pesquisa

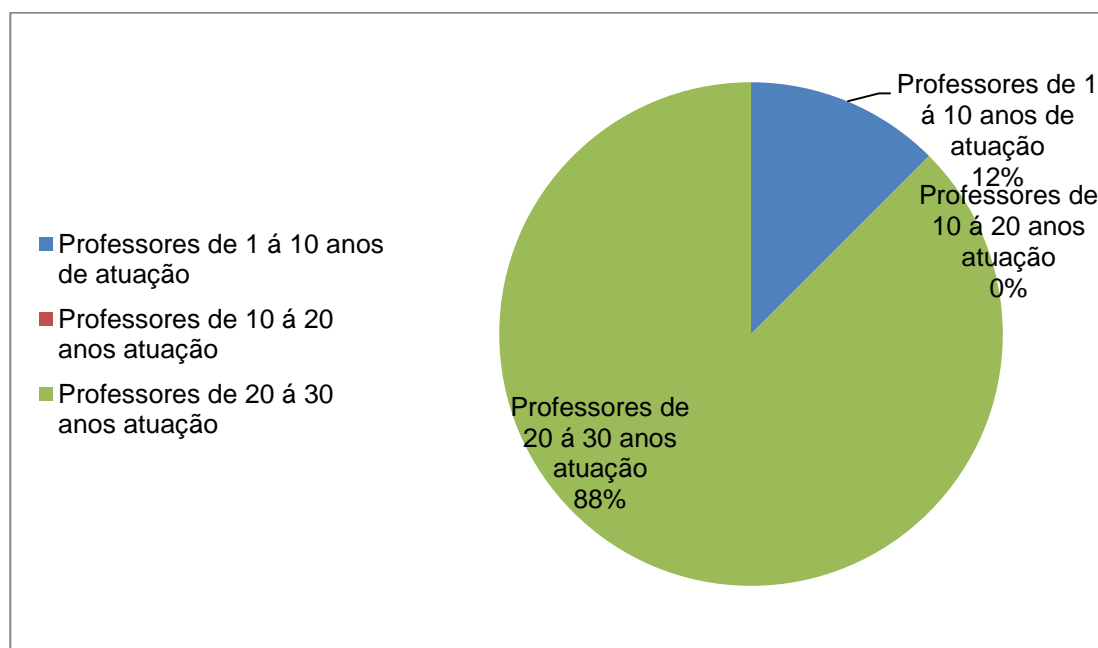
1° Etapa	Aplicação no questionário dissertativo com questões abertas contendo perguntas para investigar e identificar as principais dificuldades encontradas pelos docentes referentes à educação inclusiva, se em sua formação inicial houve disciplinas voltadas ao preparo desse assunto, examinar se a escola oferece suporte pedagógico, e as experiências que os professores tiveram com alunos, e suas principais dificuldades referentes a esse atendimento, verificar se esses professores participam de formação continuada visando conhecimento sobre os assuntos.
2° Etapa	Elaboração de material informativo que aborda sobre o que é a deficiência, o que causa e quais os melhores métodos de ensino para poder auxiliar aluno PAEE; a partir da detecção do tipo de deficiência mais citado pelos professores participantes da pesquisa. Após a elaboração, ocorre a entrega de um folder informativo aos professores, destinando-se um tempo para a sua leitura (estimando-se pelo menos duas semanas), para melhor leitura e compreensão do assunto.
3° Etapa	Realização de um questionário com cada professor, questionando-se se o folder informativo contribuiu para sua melhor percepção e atuação com alunos inclusivos diante das necessidades indicadas no questionário.

FONTE: ELABORADO PELO O PRÓPRIO AUTOR

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário dissertativo (apêndice 1) foi aplicado para oito professores atuantes nas disciplinas de Química, Física, Biologia, Geografia e Matemática e as respostas se encontram no anexo 1. Contemplou sete perguntas, algumas questões possuíam sub-perguntas. A primeira abordou sobre o tempo de atuação do professor no ensino regular. De acordo com os dados obtidos, segue o perfil dos selecionados para a pesquisa, conforme o Gráfico 1.

Gráfico 1: Tempo de atuação no ensino regular dos Professores participantes da Pesquisa

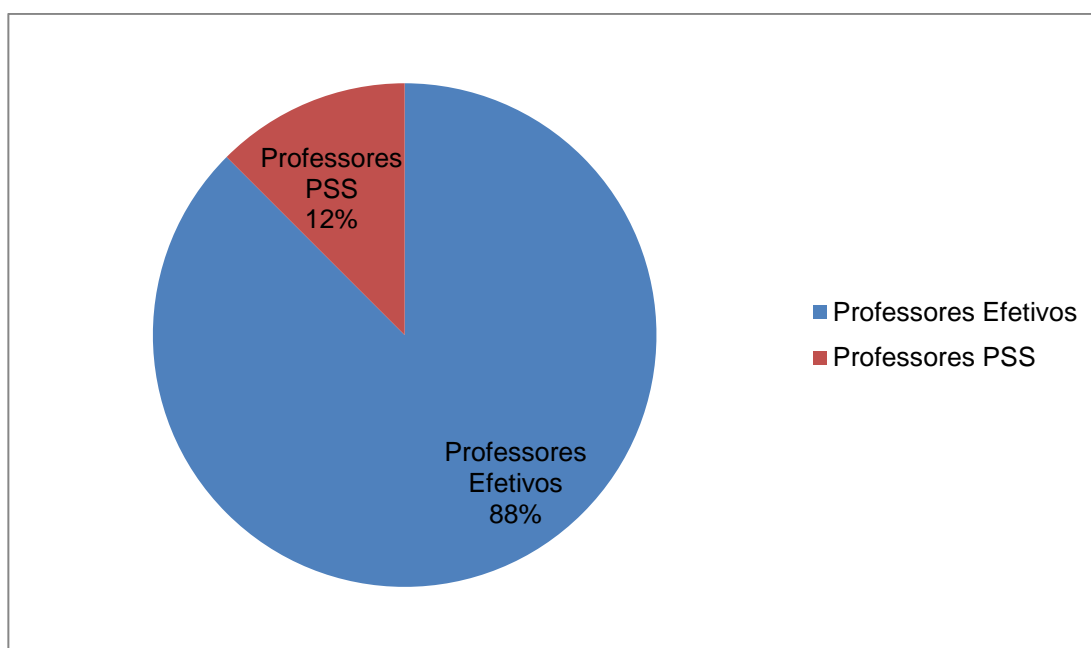


FONTE: ELABORADO PELA O PRÓPRIA AUTORA

Segundo o gráfico, no perfil de professores abordados 88% já lecionam há mais de 20 anos em suas respectivas áreas.

Sobre a mesma pergunta, foi questionado também se o pesquisado é professor efetivo, isto é, concursado e permanente, ou PSS que participa do Processo Seletivo Simplificado realizado pela Secretaria de Estado e Educação SEED, para contratação temporária de professores, pedagogos, intérprete de libras, auxiliares de serviços gerais e técnicos administrativos.

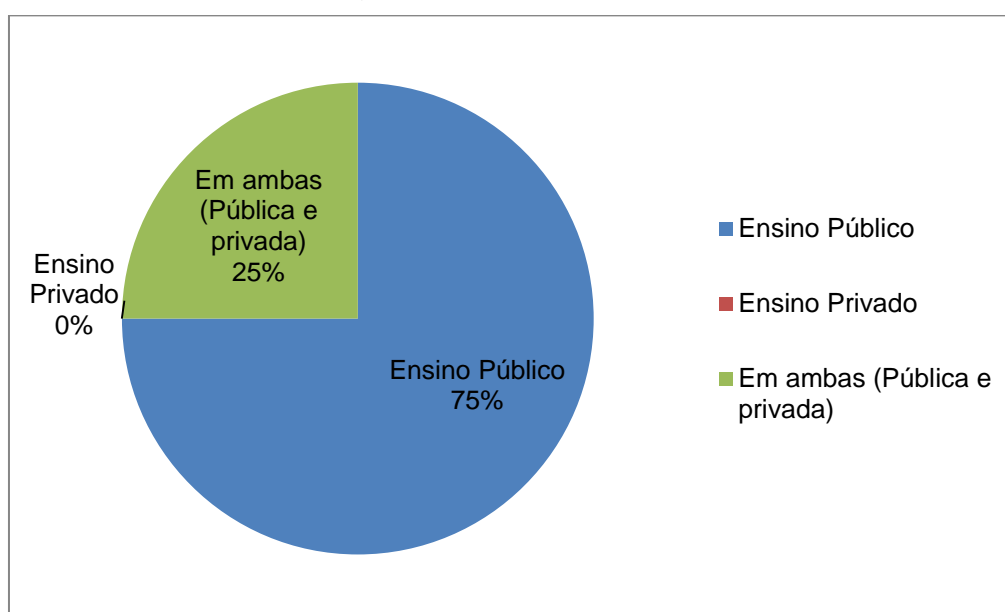
A partir do Gráfico 2 se tem os resultados dessa questão.

Gráfico 2: Professores efetivos e PSS

FONTE: ELABORADO PELA O PRÓPRIA AUTORA

Sobre os professores participantes da pesquisa, 88% são efetivos do ensino regular na escola pública.

Ainda em relação à questão número 1, foi questionado em quais escolas já lecionou, se escola pública ou particular. A partir dos dados levantados, obtivemos as respostas conforme segue no Gráfico 3.

Gráfico 3: Atuação em escola Pública e Privada

FONTE: ELABORADO PELA O PRÓPRIA AUTORA

O gráfico mostra que dos entrevistados 75% apenas trabalham em escola pública e 25% atuam em ambas, tanto pública como privada. Dentro desse contexto, alguns especificaram em quais colégios lecionaram ou ainda lecionam.

A segunda questão abordou o que é educação inclusiva na opinião dos pesquisados. Segue algumas respostas de professores entrevistados.

Rosi: Participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular, sem nenhuma discriminação.

Einstein: É o esforço conjunto do governo, escola e família para atender as necessidades do aluno especial, para que esse aluno tenha as condições o mais próximo possível do normal humanizando assim o atendimento ao aluno.

Marie: É uma transformação de uma sociedade inclusiva que inclui a participação de todos os alunos na rede regular de ensino.

As respostas foram relativamente bem parecidas, mas o sentido, porém, diverso, já que cada entrevistado respondeu com suas próprias palavras. Dentre os professores participantes da pesquisa, apenas um não respondeu.

A Terceira pergunta questionava quais são os alunos que integram a PAEE e pedia para citar exemplos.

A seguir são listadas algumas respostas dos participantes da pesquisa.

Einstein: Alunos que sejam comprovadamente deficientes e tenham a necessidade de um professor auxiliar na sua vida escolar.

Jorge: Os alunos que integram o PAEE são alunos especiais das mais diversas formas.

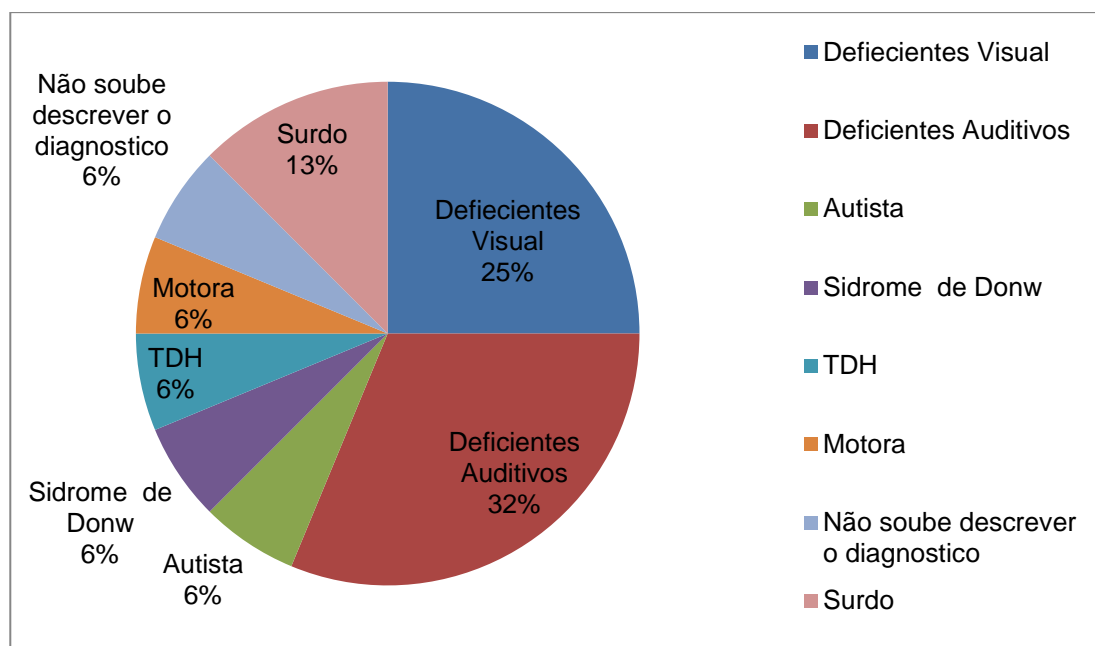
Jami: Alunos Autistas, Síndrome Down, Surdo e TDH .

Lise: Alunos com necessidades especiais e déficit de atenção.

As respostas foram bem variadas, alguns colocaram que são alunos com necessidades especiais, déficit de atenção, deficiência intelectual, que necessitam de um professor especial na sua vida escolar e outros citaram apenas alguns tipos de deficiência como: surdo, deficiência visual, autista, síndrome de Down e TDH.

O questionamento sobre se os professores já tiveram alunos PAEE que precisaram de atendimento educacional ficou a cargo da quarta questão. A resposta de todos os participantes foi sim. E sobre a mesma pergunta, questionou-se, caso a resposta tenha sido sim, quais as situações e diagnósticos desses alunos. Os resultados dessa questão são apresentados no Gráfico 4.

Gráfico 4: Diagnóstico baseado nas situações vivenciadas pelos professores



FONTE: ELABORADO PELA O PRÓPRIA AUTORA

Os resultados, conforme o gráfico, foram colocados de um modo geral a fim de verificar qual a situação mais vivida por esses docentes nos colégios em que lecionam ou já lecionaram. Para o desenvolvimento do material de apoio, de acordo com o diagnóstico da pesquisa, foi considerada a deficiência auditiva e de que forma a mesma está relacionada ao aluno surdo, aspecto que eles têm mais vivência. Por isso, optou-se por incluir no folder os dois conceitos.

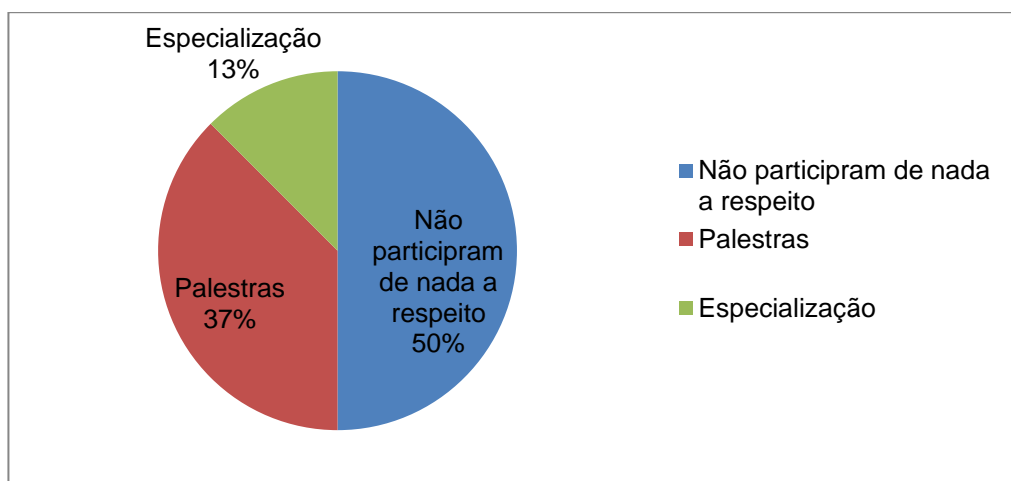
Ainda sobre a quarta questão, foram abordadas quais as principais dificuldades e as respostas resultaram bastante diversas, incluindo: devido não ter formação, por não haver um professor especializado para auxiliar e acompanhar aquela situação, por não ter conhecimento em libras, pela falta de material de apoio. Já aqueles professores que tiveram acesso a algum tipo de suporte ou ferramenta conseguiram se adaptar bem perante a experiência vivenciada.

Na quinta pergunta foi abordado se na formação inicial os professores tiveram disciplinas que contribuíram para o seu conhecimento sobre a educação inclusiva. Quando a resposta foi afirmativa, pediu-se para especificar quais as disciplinas. A resposta foi unânime, ou seja, ninguém teve nenhuma matéria durante o curso que pudesse ajudar em sua formação para o atendimento do aluno PAEE.

A sexta pergunta abordou se em sua atuação no ensino regular o docente já participou de alguma formação a respeito de educação inclusiva (especialização, mestrado, doutorado, cursos, minicursos, palestras, oficinas, entre outros). Caso a resposta tenha sido afirmativa, solicitou-se descrever quais e o que foi abordado.

O Gráfico 5 mostra as respostas obtidas sobre a pergunta realizada para os professores.

Gráfico 5: Formação obtida durante a atuação no ensino regular

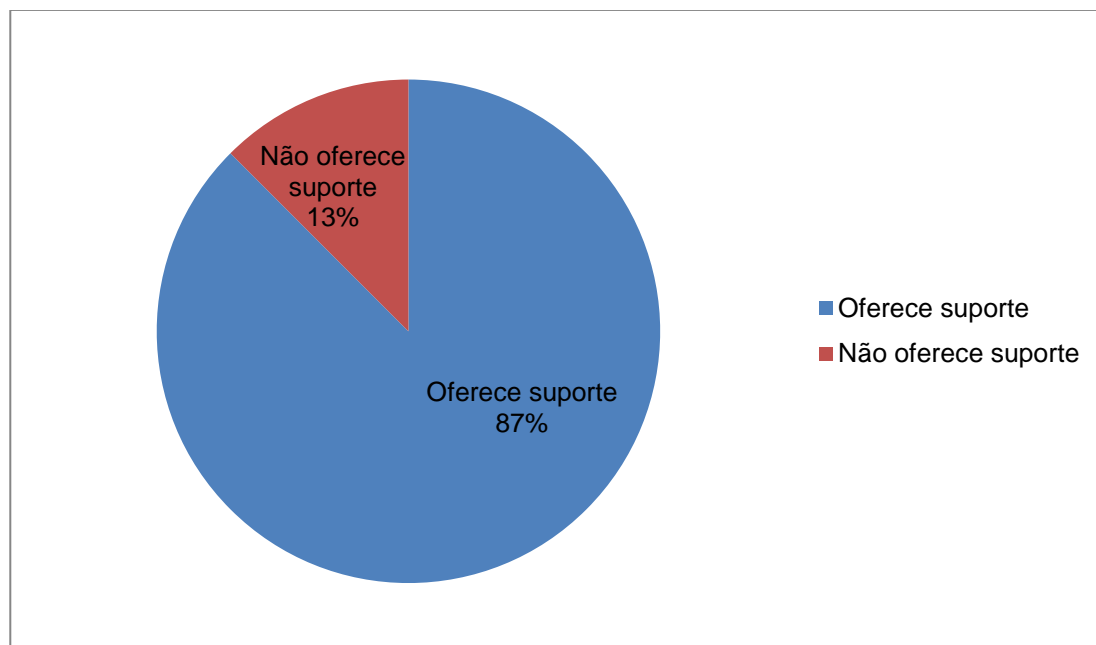


FONTE: ELABORADO PELA O PRÓPRIA AUTORA

Dos participantes da pesquisa, 50% não participaram de nenhum evento que pudesse aprimorar seus conhecimentos sobre o tema. Um professor relatou que as formações continuadas eram repetitivas e referiam-se a plano de aula, evasão escolar, mas não eram específicas para inclusão. Os que participaram de formações continuadas se referiram a palestras promovidas pelo colégio em que lecionam. Apenas 13% dos professores afirmaram ter uma especialização voltada para o tema.

A sétima e última questão abordou se a escola em que o entrevistado trabalha oferece suporte didático e pedagógico para atender alunos de educação inclusiva. Conforme segue, o Gráfico 6 expressa as respostas.

Gráfico 6: Grau de investimento em suporte didático e pedagógico do colégio em que o docente trabalha



FONTE: ELABORADO PELA O PRÓPRIA AUTORA

Sobre o suporte didático e pedagógico, percebe-se que 87% dos colégios oferecem suporte aos professores e, dentro do que foi relatado, um professor citou que o colégio em que atua é referência estadual sobre educação inclusiva.

Após os dados obtidos, foi confeccionado o folder com o título Ensino inclusivo de surdos e deficientes auditivos. Como material de apoio ao professor, foi impresso em papel vergê tamanho A4, sendo a folha dividida em três colunas. O material incluiu as seguintes seções temáticas: Quem é o surdo?, Quem é o deficiente auditivo?, Para ensinar o aluno surdo, Orientações de apoio ao aluno com deficiência auditiva, Nas avaliações e Você sabia? (que aborda a Libras). As figuras 1 e 2 mostram, respectivamente, as partes da frente e de trás do folder.



Você sabia?

Em 2002 a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) foi adotada como a segunda língua oficial do Brasil por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, sendo reconhecida como meio legal de conversação e expressão. Trata-se de um sistema linguístico de natureza visual-motora, com composição gramatical própria, para a comunicação de conceitos e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

ENSINO INCLUSIVO DE SURDOS E DEFICIENTES AUDITIVOS



MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR

Figura 1: Material de apoio ao professor – parte da frente

Quem é o Surdo?

Surdo é o termo utilizado para distinguir uma pessoa que tem surdez profunda ou total falta da audição. No sentido cultural indica um grupo de pessoas que pertence a uma Comunidade Surda, a qual tem seus próprios conjuntos de valores, história, cultura e que usa a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para se comunicar.

A comunidade de Surdos na maior parte dos casos é formada por pessoas que nasceram surdas, ou que se tornam surdas antes de aprender a falar ou compreender a fala, que é caso da surdez pré-lingual.

Quem é o Deficiente Auditivo?

Deficiência Auditiva é o termo empregado para o indivíduo que tem uma surdez leve ou moderada. Comumente pessoas que vão perdendo a audição com o tempo e não utilizam a LIBRAS. Geralmente se comunicam em português, fazendo leitura labial, e dependem de outros recursos como as legendas e o uso de próteses auditivas ou implantes cocleares. Eles têm uma identidade maior com o mundo dos ouvintes.

Para ensinar o aluno surdo

Você pode adotar a mesma proposta curricular do ensino regular, com adequações que permitam o acesso ao conteúdo por meio do uso de sistemas de comunicação alternativos, como a LIBRAS, a gesticulação, o desenho e as expressões corporais. Deve-se utilizar técnicas, procedimentos e avaliações compatíveis com as necessidades do aluno surdo, sem alterar os objetivos de ensino e aprendizagem.

Caso houver um intérprete de LIBRAS em sala de aula (lembrando-se de que ele é um tradutor, não é um professor especialista) fale de maneira mais pausada para auxiliar a tradução.

Orientações de apoio ao aluno com deficiência auditiva

- Acomodar o aluno com deficiência auditiva sempre na primeira fila na sala de aula.
- Fornecer um resumo da aula por escrito e informar sobre o tema da aula seguinte, de modo a permitir a leitura adiantada do conteúdo proposto.

- Falar próximo ao aluno, sem pressa e olhando para ele, sem exagerar no tom de voz, e evitar ficar de costas durante a exposição oral da matéria.

- Providenciar legenda para os vídeos utilizados em aula.
- Informar por escrito sobre datas importantes da disciplina, a fim de garantir o acesso a todas as informações.

Nas avaliações

- Escolher avaliações mais objetivas, também pode-se optar por realizar avaliações orais com a tradução do intérprete de LIBRAS.
- Ter uma maior flexibilidade do tempo para que o aluno consiga responder à testes, principalmente se ele tiver grandes dificuldades com a interpretação da língua portuguesa escrita.
- Evitar prova surpresa.
- Avaliar consecutivamente, analisando os diagnósticos iniciais e sua evolução durante o processo de ensino e aprendizagem.
- Corrigir a parte escrita pelo aluno de maneira diferenciada, levando em consideração o que está proposto na portaria N.3284/2003 valorizando o conteúdo semântico.

Figura 2: Material de apoio ao professor – parte de trás

Esse material foi entregue aos professores participantes da pesquisa. Nesse momento da investigação não conseguimos contato com dois dos docentes que participaram da primeira etapa. Uma foi a Lise, pois a mesma está afastada por

motivos de saúde, e a outra foi a Jami, que mudou para outra cidade. Devido a esses fatores, foi incluída mais uma pessoa, a professora Angel. Nessa etapa tivemos a participação de sete professores.

O folder foi apresentado junto com um questionário dissertativo, que continha cinco perguntas as quais abordavam sobre se o folder contribuiu para a melhor percepção e atuação do professor junto aos alunos inclusivos. O questionário encontra-se no apêndice 2. Foram proporcionadas a eles duas semanas para fazerem a leitura e responderem ao questionário, que se encontra transcrito no anexo 2. Após esse período, o questionário foi recolhido e obteve-se os resultados apresentados a seguir.

Na pergunta 1, questionou-se o que, no primeiro momento, quando o docente pegou o folder, mais chamou a atenção. As respostas obtidas para essa questão foram as seguintes:

Rosi: Ensino Inclusivo de Surdos e Deficientes Auditivos.

Edi: O fato de ser um material que pode ser usado como meio didático – Inicial.

Jorge: Como eu faria para me reportar a uma pessoa surda.

Einstein: A resposta da primeira pergunta: “Quem é o surdo?”

Fabi: Bem explicativo, o que mais me chamou atenção foi sobre a maneira de avaliar.

Marie: Foi de inserir o ensino inclusivo de surdos e deficientes auditivos no contexto escolar.

Angel: O que mais me chamou para o assunto foi a imagem do folder, são várias mãos coloridas, ou seja, a língua de sinais (libras) sendo representada.

De acordo com as respostas obtidas dos professores, pode-se verificar na primeira questão que o assunto abordado desperta o interesse dos professores e que ao pegarem o folder na mão conseguiram identificar do que se tratava o tema.

Na segunda questão, a pergunta solicitou para que o pesquisado opinasse, de maneira geral, sobre o folder, bem como questionou sobre o que achou da linguagem utilizada e do conteúdo. Obtivemos as seguintes respostas:

Rosi: Bonito, colorido, linguagem clara e conteúdo bem explicado.

Edi: Linguagem simples e clara. Aborda o conteúdo às vezes necessário a ser considerado em sala de aula e em outros ambientes.

Jorge: A linguagem é simplista e bem objetiva tornando o folder bem explicativo.

Einstein: Achei o folder interessante e esclarecedor. A linguagem é simples e objetiva a respeito do conteúdo abordado é bem esclarecedor explicativo.

Fabi: Muito bom e com linguagem simples, bem sucinta, mas explicativo e abordando temas de grande importância.

Marie: Com relação do folder achei bonito, linguagem clara, conteúdos com ótimas informações de como interagir como aluno no ensino e aprendizagem.

Angel: Interessante e objetivo. A linguagem está bem simples fácil de entender, com temas importantes.

As respostas obtidas nessas questões mostram que o folder foi percebido como tendo uma linguagem simples, clara e objetiva e que os participantes gostaram do material, além de considerarem o assunto importante e necessário.

Na terceira questão, a resposta é dada a partir da leitura que foi realizada do folder. Questionou-se se durante as aulas o entrevistado se lembrou do folder e o empregou em sala. Também solicitou-se a resposta sobre se já havia aplicado algum dos conceitos abordados anteriormente, pedindo para que o inquirido relatasse. Seguem as respostas.

Rosi: Já trabalhei com deficiente auditiva em anos anteriores. Não tive dificuldades porque em nosso colégio temos o professor intérprete que acompanha durante as aulas. Mas sempre explicava olhando para o aluno e me expressando de maneira pausada e utilizando desenhos ilustrativos com explicação.

Edi: Quando tive um aluno surdo a duas décadas atrás, estávamos ainda assimilando o conceito de inclusão. Hoje tem salas especiais, em escolas maiores com intérprete, acredito que tenha melhorado o aprendizado. Quanto ao folder e conforme a ocasião aplica-se sim alguns dos conceitos citados.

Jorge: Algumas vezes o usei, porém de forma muito simplista, pois não domino totalmente a linguagem do surdo.

Einstein: Eu já trabalhei com surdo e deficiente auditivo, porém, vou guardar esse folder muito bem, pois, vai me ajudar muito das próximas vezes.

Fabi: Não lembrei, pois não tenho nenhum caso de aluno inclusão.

Marie: Não encontrei dificuldade, pois o colégio que leciono tem um professor interprete. Na sua ausência procuro interagir o aluno com as orientações de apoio.

Angel: Não houve, pois não apresento aluno de inclusão, porém já tenho consciência sobre o assunto por através dele.

A partir das respostas obtidas, verificou-se que alguns professores não têm no momento alunos surdos ou deficientes auditivos que algumas escolas têm o

intérprete que ajuda muito em sala de aula. Além disso, alguns conceitos do folder já foram usados por eles em determinadas ocasiões.

Na quarta questão, é questionado sobre o que o entrevistado incluiria no folder para melhorar o trabalho da educação inclusiva dos docentes.

Rosi: Nada. Está bom.

Edi: Mais gravuras- Elas servem como forma de comunicação simbólica- Resumo.

Jorge: Não houve resposta.

Einstein: Não houve resposta.

Fabi: Nada, pois ao meu ver está bem dinâmico.

Marie: Em minha opinião está ótimo.

Angel: Não acrescentaria nada, o folder está bem dinâmico e explicativo.

Nessa questão, pode-se perceber que a maioria gostou do folder e achou que não precisa acrescentar nada, houve também quem não soube responder e um professor que disse que deveria ter mais gravuras. O que consideramos uma ótima ideia, porém, devido ao pouco espaço no folder, não foi possível inserir mais imagens. Trata-se de uma sugestão a ser estudada para o desenvolvimento de um próximo material.

A quinta questão tomava como base as próprias experiências do professor entrevistado, para questionar o que ele diria a um profissional recém-formado ou estudantes de Licenciatura em Química ou de outras áreas sobre a educação inclusiva. As respostas obtidas foram:

Rosi: Ter cuidado para se expressar de forma pausada e clara direcionando sempre para o aluno com deficiência auditivo. Verificar se o aluno tem acompanhamento com o professor intérprete.

Edi: A Química é carregada de símbolos. No contexto desse trabalho seria conciliar as aulas práticas a “leitura” desses símbolos emprego dele á vida cotidiana.

Jorge: Bom a inclusão chegou para fica, porém demanda de aperfeiçoamento por parte de nós professores e por parte do governo. A inclusão não é um bicho de sete cabeças, mais temos que ter mais cursos referentes a estas demandas para podermos exercer com mais qualidade e propriedade nossas humildes aulas a estas pessoas inclusas. Os desafios são grandes, porém quem chega ou chegar deverá encarar a inclusão com normalidade.

Einstein: Que com um pouco de dedicação do professor é possível à inclusão.

Fabi: Que o aluno inclusão é um grande desafio para o professor que não foi preparado didaticamente para lidar com a situação. Mas que está acontecendo e que esses alunos merecem toda nossa

atenção e carinho. São seres humanos com capacidade e muita vontade de aprendizagem.

Marie: Ter um olhar diferente no contexto ensino aprendizagem. Procurar a equipe pedagógica em busca de apoio.

Angel: A educação inclusiva é um processo que deve ser bem estudado, pois o aluno tem que ser assistido de que não seja só mais um isolado, o professor deve estar preparado e poder saber lidar, que isto seja implantado através de cursos de capacitação. O aluno e o professor devem estar sempre com cômulo para que haja o processo de inclusão.

Pode-se verificar com esses dados que os professores têm uma visão de que o assunto inclusão é um grande desafio, mas acreditam que com dedicação é possível chegar ao resultado. Destacam especialmente a importância da busca de conhecimento e aperfeiçoamento da prática docente, o que pode proporcionar ao aluno ensino de qualidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho desenvolvido, verificou-se que a educação é um movimento o qual visa garantir direitos e oportunidades à educação, independente de suas limitações. O objetivo da pesquisa foi conhecer as necessidades formativas de professores do Ensino Médio, do ensino regular, a respeito dos alunos PAEE. A fim de apresentar um folder e avaliar as contribuições para a prática pedagógica do professor.

Foi desenvolvido um material em formato de folder referente a alunos com Deficiência Auditiva e Surdo esse material foi entregue aos professores do Ensino Médio regular, juntamente com um questionário com questões abertas inquirindo se o folder informativo contribuiu para a melhor percepção e atuação desses docentes junto aos alunos inclusivos, a partir do tema do material.

As respostas obtidas foram bem significativas visto que os professores participantes da pesquisa se mostraram interessados pelo material. Por ele ter uma linguagem simples, clara e objetiva os entrevistados consideraram o assunto importante, necessário. Apontando para a ideia de que a temática inclusão é um grande desafio, apesar de acreditarem que com dedicação é possível chegar ao resultado.

Em conclusão, o desafio enfrentado foi tentar conciliar o horário disponível dos participantes, apesar desse fator não ter afetado a pesquisa, visto que tivemos uma ótima aceitação dos participantes. Acredita-se que a partir desse material desenvolvido possam ser criados mais folders sobre outros tipos de deficiência, a fim de contribuir com a atividade docente. Este trabalho procurou contribuir para a reflexão sobre a formação continuada no que diz respeito à prática pedagógica, apontando caminhos de como melhorar o atendimento educacional aos alunos de educação inclusiva PAEE e promover uma sociedade mais igualitária, em que todos possam ter as mesmas oportunidades.

8 REFERÊNCIAS

ALONSO, D. **Os desafios da Educação inclusiva**: foco nas redes de apoio. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/554/os-desafios-da-educacao-inclusiva-foco-nas-redes-de-apoio>> Acesso em: 17 de jun de 2018.

BAPTISTONE, G. F.; MATTOS NETO, I. A.; TOYAMA, K. S. F.; PRAIS, J. L. de S. A inclusão do aluno cego na educação superior: percepções de professores de um curso de licenciatura em Química. **ACTIO**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 98-121, jan./jul. 2017.

BRASIL CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>> Acesso em: 03 de mai de 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em 21 de jun de 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção I, p. 27834-27841. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9394.htm> Acesso em: 02 de maio de 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso em: 21 de jun de 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.0005**, de 05 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação – PNE. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato20112014/2014/Lei/L13005.htm> Acesso em: 01 de maio de 2018.

BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL: Diretrizes operacionais da educação especial para o atendimento educacional especializado na educação básica. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192> Acesso em 05 de jul de 2018.

CARVALHO, A. S. **Educação inclusiva**: práticas docentes frente á deficiência auditiva. Guarulhos 2017. Disponível: <<https://repositorio.pgskroton.com.br/bitstream/123456789/16493/1/ANANDA%20DOS%20SANTOS%20CARVALHO.pdf>> Acesso em: 21 de jun de 2019.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 11 de jun de 2018.

DELGADO, E. I. **Políticas educacionais em crise e a prática docente**. Canoas: Editora Ulbras, 2005.

DINIZ, Margareth. **Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas: avanços e desafios**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SILVA .I. B. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: perspectivas para a melhoria da educação para todos
Disponível:<http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontrodeensinopesquisa/2011/V/anais/comunicacao/009_2011_ap_oral.pdf> Acesso em: 06 de maio de 2018.

FIGUEIRA, E. **Psicologia e inclusão atuações psicológicas com deficiência**. Rio de Janeiro: Editora Wak editoras, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São PAULO: atlas, 2002.

JESUS, L N. **Inclusão do Deficiente Auditivo**: alicerce: família, escola e sociedade. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009.

MANTOAN, M.T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MAUCH, C. **Escola para todos: experiências de redes municipais na inclusão de alunos com deficiência, TEA, TGD e altas habilidades**. Brasília UNESCO, 2016.

OBSERVATÓRIO DOPNE. Disponível em <<http://www.observatoriodopne.org.br/meta-pne/4educacaoespecialinclusiva/indicadores#porcentagemdealunoscomdeficienciaatrastornos-globais-dodesenvolvimentoealtashabilidadesousuperdotacaomatriculados-na-rede-regular-de-ensino>> Acesso em: 17 de jun de 2018.

PERGUNTAS ABERTAS: USAR OU NÃO NA SUA PESQUISA DE MERCADO? Disponível em <<https://blog.opinionbox.com/perguntas-abertas-usar-ou-nao-na-sua-pesquisa-de-mercado/>> acesso em 20 de jun de 2018.

RODRIGUES. D. **Inclusão e educação doze olhares sobre a educação inclusiva**. Editora Summus Editorial, 2006.

RODRIGUES, L. **O que é educação inclusiva?** Um passo a passo para inclusão escolar. 2017. Disponível em: <<http://institutoitard.com.br/o-que-e-educacao-inclusiva/>> Acesso em: 10 de jun de 2018.

SILVA, A.H.; FOSSÁ, M.I.T. ANÁLISE DE CONTEÚDO: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos Qualit@s Revista Eletrônica ISSN 1677 4280 Vol.17. No 1. 2015.

SILVA .I. B. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Perspectivas para a melhoria da educação para todos
Disponível:<http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontrodeensinopesquisa/2011/V/anais/comunicacao/009_2011_ap_oral.pdf> Acesso em: 06 de maio de 2018.

SMITH, Deborah D. **Introdução à educação especial**: ensinar em tempos de inclusão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO: Orientações imediatas para a inclusão do aluno com deficiência auditiva em sala de aula. Disponível em: <<http://portal.metodista.br/assessoria-para-inclusao/dicas/orientacoes-para-inclusao-do-aluno-com-deficiencia-auditiva>>. Acesso em: 21 jun de 2019.

VIVEIRO Alessandra Aparecida; BEGO, Amadeu Moura. **O Ensino de ciências no contexto da educação inclusiva**: diferentes matrizes de um mesmo desafio. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

APÊNDICE 1**Nome:****Graduação em:****Local/instituição da graduação:****Início e fim da graduação:****Formação continuada:****Questionário dissertativo 1**

- 1- Quanto tempo atua como professor (a) de Química, Física, Biologia, Matemática e Geografia no ensino regular?
 - a) É professor efetivo ou PSS?
 - b) Em quais escolas (pública ou particular) já lecionou?
- 2- Para você, o que é educação inclusiva?
- 3- Quais são os alunos que integram a PAEE? Cite alguns exemplos.
- 4- Já teve algum aluno PAEE que precisou de Atendimento Educacional Especializado?
 - a) Se sim, descreva em quais situações e diagnóstico desses alunos?
 - b) E, quais foram as suas principais dificuldades?
- 5- Em sua formação inicial tiveram disciplinas que contribuiriam para o seu conhecimento sobre educação inclusiva? Se sim, quais?
- 6- Durante sua atuação no ensino regular já participou de alguma formação a respeito de educação inclusiva (especialização, mestrado, doutorado, cursos, minicursos, palestras, oficinas, entre outros)? Se sim, quais? O que foi abordado?
- 7- Qual a escola em que trabalha oferece suporte didático e pedagógico para atender alunos de educação inclusiva?

APÊNDICE 2**Nome:****Graduação em:****Local/instituição da graduação:****Início e fim da graduação:****Formação continuada:****Questionário dissertativo 2**

- 1- No primeiro momento, quando você pegou o folder, o que mais lhe chamou a atenção?
- 2- De maneira geral, o que você achou do folder? Como está a linguagem abordada? E o conteúdo?
- 3- A partir da leitura que foi realizada do folder, durante suas aulas, você se lembrou do folder e o empregou em sala? Já aplicou algum dos conceitos abordados anteriormente? Relate.
- 4- O que você incluiria no folder para melhorar o trabalho da educação inclusiva dos docentes?
- 5- A partir de suas experiências como professor, o que você diria a um profissional recém-formado ou estudantes de Licenciatura em Química ou de outras áreas sobre a educação inclusiva?

Anexo 1

Nome: Rosi (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Licenciatura em Ciências – Química

Local/instituição da graduação: FAFI – Cornélio Procópio

Início e fim da graduação: 1983 a 1987

Formação continuada:

Questionário dissertativo 1

1- Quanto tempo atua como professor (a) de Química, Física, Biologia, Matemática e Geografia no ensino regular?

R: 30 anos na disciplina de Química

a) É professor efetivo ou PSS?

R: Efetivo

b) Em quais escolas (pública ou particular) já lecionou?

R: Escola Pública Colégio Estadual Unidade Polo e Colégio Estadual Olavo Bilac ambos na cidade de Ibiporã- Paraná.

2- Para você, o que é educação inclusiva?

R: Participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular, sem nenhuma discriminação.

3- Quais são os alunos que integram a PAEE? Cite alguns exemplos.

R: Deficientes visuais, deficientes auditivos etc.

4- Já teve algum aluno PAEE que precisou de Atendimento Educacional Especializado?

R: Sim

a) Se sim, descreva em quais situações e diagnóstico desses alunos?

R: Trabalhei com uma aluna deficiente visual e deficiente auditiva

b) E, quais foram as suas principais dificuldades?

R: Para a aluna que tinha deficiência visual tive ajuda do Cadev (Centro de Atendimento ao Deficiente Visual situando na cidade de Ibiporã) onde a mesma usava uma máquina braile e um notebook que traduzia em voz alta e a aluna com deficiência auditiva teve ajuda de uma professora que falava através dos sinais (libras).

5- Em sua formação inicial tiveram disciplinas que contribuíram para o seu conhecimento sobre educação inclusiva? Se sim, quais?

R: Não

6- Durante sua atuação no ensino regular já participou de alguma formação a respeito de educação inclusiva (especialização, mestrado, doutorado, cursos, minicursos, palestras, oficinas, entre outros)? Se sim, quais? O que foi abordado?

R: Não. Somente pesquisa sobre o assunto para conhecer melhor.

7- A escola na qual trabalha oferece suporte didático e pedagógico para atender alunos de educação inclusiva?

R: Sim. Unidade Polo utiliza notebook e máquina de braile para aluna com deficiência visual. E para aluna com deficiência auditiva professor especializado para acompanhar nas aulas.

Nome: Edi (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Geografia

Local/instituição da graduação: Universidade Estadual de Londrina

Início e fim da graduação: 1983 a 1987

Formação continuada: Especialização

Questionário dissertativo 1

1- Quanto tempo atua como professor (a) de Química, Física, Biologia, Matemática e Geografia no ensino regular?

R: 30 anos na disciplina de Química

a) É professor efetivo ou PSS?

R: Efetivo

b) Em quais escolas (pública ou particular) já lecionou?

R: Escola Pública Colégio Estadual Unidade Polo, Colégio Estadual Olavo Bilac, Colégio Estadual San Rafael e Colegio Estadual Theotonio Brandão Vilela ambos na cidade de Ibitiporã- Paraná.

2- Para você, o que é educação inclusiva?

R: Aquela que oportuniza educação é pessoas com limitações.

3- Quais são os alunos que integram a PAEE? Cite alguns exemplos

R: Surdo.

4- Já teve algum aluno PAEE que precisou de Atendimento Educacional Especializado?

R: Sim

a) Se sim, descreva em quais situações e diagnóstico desses alunos?

R: Surdo.

b) E, quais foram as suas principais dificuldades?

R: Na época não havia professor de libras para acompanhar.

5- Em sua formação inicial tiveram disciplinas que contribuíram para o seu conhecimento sobre educação inclusiva? Se sim, quais?

R: Não

6- Durante sua atuação no ensino regular já participou de alguma formação a respeito de educação inclusiva (especialização, mestrado, doutorado, cursos, minicursos, palestras, oficinas, entre outros)? Se sim, quais? O que foi abordado?

R: Sim. Palestras. O tema foi inclusão.

7- A escola na qual trabalha oferece suporte didático e pedagógico para atender alunos de educação inclusiva?

R: Sim. Colégio Estadual Olavo Bilac e Colégio Estadual San Rafael suporte didático e pedagógico.

Nome: Jami (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Ciências Biológicas

Local/instituição da graduação: UENP

Início e fim da graduação: 2005 a 2008

Formação continuada: Mestrado em Ciências Biológicas

Questionário dissertativo 1

1- Quanto tempo atua como professor (a) de Química, Física, Biologia, Matemática e Geografia no ensino regular?

R: 4 anos na disciplina Biologia e Ciências

a) É professor efetivo ou PSS?

R: Efetivo

b) Em quais escolas (pública ou particular) já lecionou?

R: Escola Pública Colégio Estadual Unidade Polo, Colégio Estadual Olavo Bilac, Colégio Estadual San Rafael, Colégio Estadual Theotônio Brandão Vilela e CAIC ambos na cidade de Ibiaporã- Paraná.

2- Para você, o que é educação inclusiva?

R: Tenta, mas não há preparo dos professores.

3- Quais são os alunos que integram a PAEE? Cite alguns exemplos.

R: Alunos Autistas, Síndrome Down, Surdo e TDH

4- Já teve algum aluno PAEE que precisou de Atendimento Educacional Especializado?

R: Sim

a) Se sim, descreva em quais situações e diagnóstico desses alunos?

R: Autistas, Síndrome Down, Surdo e TDH.

b) E, quais foram as suas principais dificuldades?

R: Adaptar o conteúdo para estes alunos.

5- Em sua formação inicial tiveram disciplinas que contribuíram para o seu conhecimento sobre educação inclusiva? Se sim, quais?

R: Não

6- Durante sua atuação no ensino regular já participou de alguma formação a respeito de educação inclusiva (especialização, mestrado, doutorado, cursos, minicursos, palestras, oficinas, entre outros)? Se sim, quais? O que foi abordado?

R: Não. As formações continuadas são repetitivas, são sobre plano de aula, evasão escolar, mas não específica para inclusão.

7- A escola na qual trabalha oferece suporte didático e pedagógico para atender alunos de educação inclusiva?

R: Suporte didático: Todas são falhas. Suporte pedagógico: Colégio Estadual Olavo Bilac e Colégio Estadual Unidade Polo.

Nome: Jorge (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Química

Local/instituição da graduação: Universidade Estadual de Londrina

Início e fim da graduação: 1989 a 1993

Formação continuada:

Questionário dissertativo 1

1- Quanto tempo atua como professor (a) de Química, Física, Biologia, Matemática e Geografia no ensino regular?

R: 27 anos na disciplina Química

a) É professor efetivo ou PSS?

R: Efetivo

b) Em quais escolas (pública ou particular) já lecionou?

R: Somente em escola publicas.

2- Para você, o que é educação inclusiva?

R: Não respondeu a questão

3- Quais são os alunos que integram a PAEE? Cite alguns exemplos.

R: Os alunos que integram o PAEE são alunos especiais das mais diversas formas.

4- Já teve algum aluno PAEE que precisou de Atendimento Educacional Especializado?

R: Sim

a) Se sim, descreva em quais situações e diagnóstico desses alunos?

R: Deficiência auditiva e visual.

b) E, quais foram as suas principais dificuldades?

R: Por não ser formado na área tenho muita dificuldade para tais fins.

5- Em sua formação inicial tiveram disciplinas que contribuíram para o seu conhecimento sobre educação inclusiva? Se sim, quais?

R: Não

6- Durante sua atuação no ensino regular já participou de alguma formação a respeito de educação inclusiva (especialização, mestrado, doutorado, cursos, minicursos, palestras, oficinas, entre outros)? Se sim, quais? O que foi abordado?

R: Sim, mas no momento não me lembro.

7- A escola na qual trabalha oferece suporte didático e pedagógico para atender alunos de educação inclusiva?

R: Trabalho na Escola Estadual Hugo Simas, e nela, há suporte didático e pedagógico para atender a educação inclusiva.

Nome: Einstein (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Física

Local/instituição da graduação: Universidade Estadual de Londrina

Início e fim da graduação: 1985 (1986 trancamento para serviço militar)
1993

Formação continuada:

Questionário dissertativo 1

1- Quanto tempo atua como professor (a) de Química, Física, Biologia, Matemática e Geografia no ensino regular?

R: 29 anos e 5 meses na disciplina Física

a) É professor efetivo ou PSS?

R: Efetivo

b) Em quais escolas (pública ou particular) já lecionou?

R: Nos 8 primeiros anos somente particular, depois 8 anos publica/particular e depois somente publica.

2- Para você, o que é educação inclusiva?

R: É o esforço conjunto do governo, escola e família para atender as necessidades do aluno especial, para que esse aluno tenha as condições o mais próximo possível do normal humanizando assim o atendimento ao aluno.

3- Quais são os alunos que integram a PAEE? Cite alguns exemplos.

R: Alunos que sejam comprovadamente deficientes e tenham a necessidade de um professor auxiliar na sua vida escolar.

4- Já teve algum aluno PAEE que precisou de Atendimento Educacional Especializado?

R: Sim

a) Se sim, descreva em quais situações e diagnóstico desses alunos?

R: Já tive alunos com deficiência auditiva, visão e motora e já tive alunos e tenho atualmente dois alunos que tem as três deficiências citadas ao mesmo tempo.

b) E, quais foram as suas principais dificuldades?

R: Quando o aluno não tem um professor auxiliar para seu acompanhamento.

5- Em sua formação inicial tiveram disciplinas que contribuíram para o seu conhecimento sobre educação inclusiva? Se sim, quais?

R: Não

6- Durante sua atuação no ensino regular já participou de alguma formação a respeito de educação inclusiva (especialização, mestrado, doutorado, cursos, minicursos, palestras, oficinas, entre outros)? Se sim, quais? O que foi abordado?

R: Palestras sim, mas no colégio mesmo, de vez em quando esse assunto é abordado de várias maneiras.

7- A escola na qual trabalha oferece suporte didático e pedagógico para atender alunos de educação inclusiva?

R: No Colégio Estadual Hugo Simas, dá suporte didático/pedagógico, pois, é referência no estado sobre educação inclusiva.

Nome: Fabi (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Matemática e Biologia

Local/instituição da graduação: UEL e FAFI

Início e fim da graduação: 1989 fim graduação de Matemática. 2005 fim da graduação de Biologia.

Formação continuada:

Questionário dissertativo 1

1- Quanto tempo atua como professor (a) de Química, Física, Biologia, Matemática e Geografia no ensino regular?

R: 28 anos na disciplina de Biologia e Matemática.

a) É professor efetivo ou PSS?

R: Efetivo

b) Em quais escolas (pública ou particular) já lecionou?

R: Escola Pública Colégio Estadual Unidade Polo na cidade de Ibiporã- Paraná.

2- Para você, o que é educação inclusiva?

R: É aquela que trabalha com pessoas com alguma deficiência sem distinção de seu problema física ou mental.

3- Quais são os alunos que integram a PAEE? Cite alguns exemplos.

R: Não foi respondida.

4- Já teve algum aluno PAEE que precisou de Atendimento Educacional Especializado?

R: Sim

a) Se sim, descreva em quais situações e diagnóstico desses alunos?

R: Sim, mas não sei descrever o diagnóstico.

b) E, quais foram as suas principais dificuldades?

R: Todas em relação a dificuldades do aluno.

5- Em sua formação inicial tiveram disciplinas que contribuíram para o seu conhecimento sobre educação inclusiva? Se sim, quais?

R: Não

6- Durante sua atuação no ensino regular já participou de alguma formação a respeito de educação inclusiva (especialização, mestrado, doutorado, cursos, minicursos, palestras, oficinas, entre outros)? Se sim, quais? O que foi abordado?

R: Não.

7- A escola na qual trabalha oferece suporte didático e pedagógico para atender alunos de educação inclusiva?

R: Já teve, agora não mais.

Nome: Marie (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Licenciatura em Ciências – Habilitação Biologia

Local/instituição da graduação: FAFI – Cornélio Procópio

Início e fim da graduação: 1986 a 1990

Formação continuada: Especialização

Questionário dissertativo 1

1- Quanto tempo atua como professor (a) de Química, Física, Biologia, Matemática e Geografia no ensino regular?

R: 24 anos na disciplina de Biologia e Ciências

a) É professor efetivo ou PSS?

R: PSS

b) Em quais escolas (pública ou particular) já lecionou?

R: Somente na Pública.

2- Para você, o que é educação inclusiva?

R: É uma transformação de uma sociedade inclusiva que inclui a participação de todos os alunos na rede regular de ensino.

3- Quais são os alunos que integram a PAEE? Cite alguns exemplos.

R: Alunos com necessidades especiais como deficiência intelectual, surdo e deficiente visual.

4- Já teve algum aluno PAEE que precisou de Atendimento Educacional Especializado?

R: Sim

a) Se sim, descreva em quais situações e diagnóstico desses alunos?

R: Deficiente auditiva

b) E, quais foram as suas principais dificuldades?

R: Não conhecimento de línguas de sinais e falta de material de apoio.

5- Em sua formação inicial tiveram disciplinas que contribuíram para o seu conhecimento sobre educação inclusiva? Se sim, quais?

R: Não

6- Durante sua atuação no ensino regular já participou de alguma formação a respeito de educação inclusiva (especialização, mestrado, doutorado, cursos, minicursos, palestras, oficinas, entre outros)? Se sim, quais? O que foi abordado?

R: Sim, especialização em educação especial, era abordada conteúdos para aluno com necessidade especial. Realizei a pós-graduação no ano de 2013 para aprimorar meus conhecimentos sobre educação especial.

7- A escola na qual trabalha oferece suporte didático e pedagógico para atender alunos de educação inclusiva?

R: Sim.

Nome: Lise (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Licenciatura em Ciências – Habilitação em Química.

Local/instituição da graduação: FAFI

Início e fim da graduação: 1992- 1997

Formação continuada:

Questionário dissertativo 1

1- Quanto tempo atua como professor (a) de Química, Física, Biologia, Matemática e Geografia no ensino regular?

R: 23 anos na disciplina de Química.

a) É professor efetivo ou PSS?

R: Efetivo

b) Em quais escolas (pública ou particular) já lecionou?

R: Na Pública e Particular.

2- Para você, o que é educação inclusiva?

R: Processo democrático e humanista, com o objetivo de crescimento e inserção de todos na sociedade.

3- Quais são os alunos que integram a PAEE? Cite alguns exemplos.

R: Alunos com necessidades especiais e déficit de atenção.

4- Já teve algum aluno PAEE que precisou de Atendimento Educacional Especializado?

R: Sim

a) Se sim, descreva em quais situações e diagnóstico desses alunos?

R: Deficiência Visual, auditiva e motora.

b) E, quais foram as suas principais dificuldades?

R: Falta de conhecimento da minha parte, formação, material de apoio, etc.

5- Em sua formação inicial tiveram disciplinas que contribuíram para o seu conhecimento sobre educação inclusiva? Se sim, quais?

R: Não recebi formação alguma.

6- Durante sua atuação no ensino regular já participou de alguma formação a respeito de educação inclusiva (especialização, mestrado, doutorado, cursos, minicursos, palestras, oficinas, entre outros)? Se sim, quais? O que foi abordado?

R: Não participei.

7- A escola na qual trabalha oferece suporte didático e pedagógico para atender alunos de educação inclusiva?

R: Sim.

Anexo 2

Nome: Rosi (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Licenciatura em Ciências – Habilitação em Química

Local/instituição da graduação: FAFI – Cornélio Procópio

Início e fim da graduação: 1983 - 1987

Formação continuada: Especialização - Química

Questionário dissertativo 2

1- No primeiro momento, quando você pegou o folder, o que mais lhe chamou a atenção?

R- Ensino Inclusivo de Surdos e Deficientes Auditivos.

2- De maneira geral, o que você achou do folder? Como está a linguagem abordada? E o conteúdo?

R- Bonito, colorido, linguagem clara e conteúdo bem explicado.

3- A partir da leitura que foi realizada do folder, durante suas aulas, você se lembrou do folder e o empregou em sala? Já aplicou algum dos conceitos abordados anteriormente? Relate.

R- Já trabalhei com deficiente auditiva em anos anteriores. Não tive dificuldades porque em nosso colégio temos o professor intérprete que acompanha durante as aulas. Mas sempre explicava olhando para o aluno e me expressando de maneira pausada e utilizando desenhos ilustrativos com explicação.

4- O que você incluiria no folder para melhorar o trabalho da educação inclusiva dos docentes?

R- Nada. Está bom.

5- A partir de suas experiências como professor, o que você diria a um profissional recém-formado ou estudantes de Licenciatura em Química ou de outras áreas sobre a educação inclusiva?

R- Ter cuidado para se expressar de forma pausada e clara direcionando sempre para o aluno com deficiência auditivo. Verificar se o aluno tem acompanhamento com o professor intérprete.

Nome: Edi (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Geografia

Local/instituição da graduação: Universidade Estadual de Londrina

Início e fim da graduação: 1983 - 1987

Formação continuada: Especialização

Questionário dissertativo 2

1- No primeiro momento, quando você pegou o folder, o que mais lhe chamou a atenção?

R- O fato de ser um material que pode ser usado como meio didático – Inicial.

2- De maneira geral, o que você achou do folder? Como está a linguagem abordada? E o conteúdo?

R- Linguagem simples e clara. Aborda o conteúdo as vezes necessário a ser considerado em sala de aula e em outros ambientes.

3- A partir da leitura que foi realizada do folder, durante suas aulas, você se lembrou do folder e o empregou em sala? Já aplicou algum dos conceitos abordados anteriormente? Relate.

R- Quando tive um aluno surdo a duas décadas atrás, estávamos ainda assimilando o conceito de inclusão. Hoje tem salas especiais, em escolas maiores com intérprete, acredito que tenha melhorado o aprendizado. Quanto ao folder e conforme a ocasião aplica-se sim alguns dos conceitos citados.

4- O que você incluiria no folder para melhorar o trabalho da educação inclusiva dos docentes?

R- Mais gravuras- Elas servem como forma de comunicação simbólica- Resumo.

5- A partir de suas experiências como professor, o que você diria a um profissional recém-formado ou estudantes de Licenciatura em Química ou de outras áreas sobre a educação inclusiva?

R- A Química é carregada de símbolos. No contexto desse trabalho seria conciliar as aulas práticas a “leitura” desses símbolos emprego dele á vida cotidiana.

Nome: Jorge (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Química

Local/instituição da graduação: Universidade Estadual de Londrina

Início e fim da graduação: 1989 a 1993

Formação continuada:

Questionário dissertativo 2

1- No primeiro momento, quando você pegou o folder, o que mais lhe chamou a atenção?

R- Como eu faria para me reportar a uma pessoa surda.

2- De maneira geral, o que você achou do folder? Como está a linguagem abordada? E o conteúdo?

R- A linguagem é simplista e bem objetiva tornando o folder bem explicativo.

3- A partir da leitura que foi realizada do folder, durante suas aulas, você se lembrou do folder e o empregou em sala? Já aplicou algum dos conceitos abordados anteriormente? Relate.

R- Algumas vezes o usei, porém de forma muito simplista, pois não domino totalmente a linguagem do surdo.

4- O que você incluiria no folder para melhorar o trabalho da educação inclusiva dos docentes?

R- Não houve resposta.

5- A partir de suas experiências como professor, o que você diria a um profissional recém-formado ou estudantes de Licenciatura em Química ou de outras áreas sobre a educação inclusiva?

R- Bom a inclusão chegou para ficar, porém demanda de aperfeiçoamento por parte de nós professores e por parte do governo. A inclusão não é um bicho de sete cabeças, mais temos que ter mais cursos referentes a estas demandas para podermos exercer com mais qualidade e propriedade nossas humildes aulas a estas pessoas inclusas. Os desafios são grandes, porém quem chega ou chegar deverá encarar a inclusão com normalidade.

Nome: Einstein (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Física

Local/instituição da graduação: Universidade Estadual de Londrina

Início e fim da graduação: 1985 (1986 trancamento para serviço militar) 1993

Formação continuada:

Questionário dissertativo 2

1- No primeiro momento, quando você pegou o folder, o que mais lhe chamou a atenção?

R- A resposta da primeira pergunta: “Quem é o surdo?”

2- De maneira geral, o que você achou do folder? Como está a linguagem abordada? E o conteúdo?

R- Achei o folder interessante e esclarecedor. A linguagem é simples e objetiva a respeito do conteúdo abordado é bem esclarecedor explicativo.

3- A partir da leitura que foi realizada do folder, durante suas aulas, você se lembrou do folder e o empregou em sala? Já aplicou algum dos conceitos abordados anteriormente? Relate.

R- Eu já trabalhei com surdo e deficiente auditivo, porém, vou guardar esse folder muito bem, pois, vai me ajudar muito das próximas vezes.

4- O que você incluiria no folder para melhorar o trabalho da educação inclusiva dos docentes?

R- Não houve resposta.

5- A partir de suas experiências como professor, o que você diria a um profissional recém-formado ou estudantes de Licenciatura em Química ou de outras áreas sobre a educação inclusiva?

R- Que com um pouco de dedicação do professor é possível à inclusão.

Fabi (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Matemática e Biologia

Local/instituição da graduação: UEL e FAFI

Início e fim da graduação: 1989 fim graduação de Matemática. 2005 fim da graduação de Biologia.

Formação continuada:

Questionário dissertativo 2

1- No primeiro momento, quando você pegou o folder, o que mais lhe chamou a atenção?

R- Bem explicativo o que mais me chamou atenção foi sobre a maneira de avaliar.

2- De maneira geral, o que você achou do folder? Como está a linguagem abordada? E o conteúdo?

R- Muito bom e com linguagem simples, bem sucinta, mas explicativo e abordando temas de grande importância.

3- A partir da leitura que foi realizada do folder, durante suas aulas, você se lembrou do folder e o empregou em sala? Já aplicou algum dos conceitos abordados anteriormente? Relate.

R- Não lembrei pois não tenho nenhum caso de aluno inclusão.

4- O que você incluiria no folder para melhorar o trabalho da educação inclusiva dos docentes?

R- Nada, pois ao meu ver está bem dinâmico.

5- A partir de suas experiências como professor, o que você diria a um profissional recém-formado ou estudantes de Licenciatura em Química ou de outras áreas sobre a educação inclusiva?

R- Que o aluno inclusão é um grande desafio para o professor que não foi preparado didaticamente para lidar com a situação. Mas que está acontecendo e que esses alunos merecem toda nossa atenção e carinho. São seres humanos com capacidade e muita vontade de aprendizagem.

Nome: Marie (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Licenciatura em Ciências – Habilitação Biologia

Local/instituição da graduação: FAFI – Cornélio Procópio

Início e fim da graduação: 1986 a 1990

Formação continuada: Especialização - Metodologia e didática de ensino.

Questionário dissertativo 2

1- No primeiro momento, quando você pegou o folder, o que mais lhe chamou a atenção?

R- Foi de inserir o ensino inclusivo de surdos e deficientes auditivos no contexto escolar.

2- De maneira geral, o que você achou do folder? Como está a linguagem abordada? E o conteúdo?

R- Com relação do folder achei bonito, linguagem clara, conteúdos com ótimas informações de como interagir como aluno no ensino e aprendizagem.

3- A partir da leitura que foi realizada do folder, durante suas aulas, você se lembrou do folder e o empregou em sala? Já aplicou algum dos conceitos abordados anteriormente? Relate.

R- Não encontrei dificuldade, pois o colégio que leciono tem um professor interprete. Na sua ausência procuro interagir o aluno com as orientações de apoio.

4- O que você incluiria no folder para melhorar o trabalho da educação inclusiva dos docentes?

R- Em minha opinião está ótimo.

5- A partir de suas experiências como professor, o que você diria a um profissional recém-formado ou estudantes de Licenciatura em Química ou de outras áreas sobre a educação inclusiva?

R- Ter um olhar diferente no contexto ensino aprendizagem. Procurar a equipe pedagógica em busca de apoio.

Nome: Angel (É um nome fictício para preservar a identidade do entrevistado)

Graduação em: Física

Local/instituição da graduação: Universidade Estadual de Londrina

Início e fim da graduação: 2012 - 2015

Formação continuada:

Questionário dissertativo 2

1- No primeiro momento, quando você pegou o folder, o que mais lhe chamou a atenção?

R- O que mais me chamou para o assunto foi a imagem do folder, são várias mãos coloridas, ou seja, a língua de sinais (libras) sendo representada.

2- De maneira geral, o que você achou do folder? Como está a linguagem abordada? E o conteúdo?

R- Interessante e objetivo. A linguagem está bem simples fácil de entender, com temas importantes.

3- A partir da leitura que foi realizada do folder, durante suas aulas, você se lembrou do folder e o empregou em sala? Já aplicou algum dos conceitos abordados anteriormente? Relate.

R- Não houve, pois não apresento aluno de inclusão, porém já tenho consciência sobre o assunto por através dele.

4- O que você incluiria no folder para melhorar o trabalho da educação inclusiva dos docentes?

R- Não acrescentaria nada, o folder está bem dinâmico e explicativo.

5- A partir de suas experiências como professor, o que você diria a um profissional recém-formado ou estudantes de Licenciatura em Química ou de outras áreas sobre a educação inclusiva?

R- A educação inclusiva é um processo que deve ser bem estudado, pois o aluno tem que ser assistido de que não seja só mais um isolado, o professor deve estar preparado e poder saber lidar, que isto seja implantado através de cursos de capacitação. O aluno e o professor devem estar sempre com cômputo para que haja o processo de inclusão.